

(0173) - Santa Iria

102.

Versão da ilha de S. Miguel.
Recolhida por Ernesto Ferreira.
Editada por FERREIRA 1943, 230-231.

Estando eu a coser na minha almofada,
2 minha agulha d' oiro, meu dedal de prata,
veio um cavalheiro pedindo pousada,
4 se meu pai lha dera, estava bem dada,
deu-lha minha mãe, ó quanto me custava !
6 Fui fazer-lhe a cama, nela se deitava.
Lá pela meia noite a casa roubava,
8 de três filhas que eram, a mim me levava.
Passou sete léguas, nem fala me dava,
10 só me perguntava como me chamava.
- Eu, na minha terra, eu era morgada,
12 mas na terra alheia serei desgraçada.
- Por essa palavra, serás degolada,
14 ao pé dum penedo serás enterrada.
Puxou pela espada, ali me matava,
16 abriu uma cova, nela me enterrava,
coberta de rama, bem enramalhada,
18 somente os cabelos de fora deixava.
No fim de sete anos, passa o cavaleiro,
20 e linda ermida viu junto dum outeiro.
- Dizei-me, pastores, de quem é a ermida,
22 que para além está toda embranquecida ?
- É de Santa Iria, senhor cavaleiro,
24 que ali degolaram naquele outeiro.
- Minha Santa Iria, meu amor primeiro,
26 perdoa-me a morte, serei teu romeiro,
- Perdoar-te, como? Ladrão carnicheiro,
28 que me degolaste que nem um cordeiro,
Veste-te de azul, que é a cor do céu,
30 se Deus te perdoar, perdoar-te quero.